CONHECIMENTOS UTEIS.

AZEITE DE PALMEIRA.

342 Todos sabem que o azeite de palmeira é uma substancia semi-concreta, de côr amarella e cheiro agradavel, que se exporta d'Africa. Até hoje so se empregava ésta substancia na preparação de sabonetes. Tem-se feito differentes experiencias chimicas para separar a parte fluida ou oleína d'elle, e applicar a parte solida ou stearina, previamente embranquecida, ao fabrico de vellas; mas agora o *London journal of arts*, traz um processo por meio do qual se opera ésta separação pela simples pressão. Derrete-se o azeite, deixa-se arrefecer lentamente: os crystaes que se formam submettem-se a uma primeira pressão que separa d'elles certa quantidade de oleína; as partes solidas tornam a derreter-se e submettem-se a segunda pressão mais forte: obtem-se assim uma stearina perfeitamente pura e sufficientemente dura.

Os detalhes d'este processo são os seguintes:

Procura-se azeite de palmeira ja purificado e branco, deita-se n'um vaso de ferro, por exemplo, e faz-se derreter em temperatura de 212.° Fahr. (100.° centigrados) por espaço de uma hora. Deita-se depois ésta substancia em celhas e deixa-se esfriar. Tão depressa os crystaes estão formados, tiram-se, embrulham-se n'uma fazenda de lan chamada *mal-fil*, depois de os ter partido em bocados de 8 a 15 kilogramos, segundo as dimensões da prensa que for empregada na operação (a prensa hydraulica é preferivel a todos os respeitos). Subjeita-se depois ésta substancia a uma fraca pressão, que lhe separa obra de um terço da oleína que ella contém; os outros dois terços compoem-se da porção solida que fica embrulhada na fazenda.

O azeite de palmeira contém 60 por 100 d'oleína e 31 por 100 de stearina: por aqui se vê que so metade da oleína foi extrahida na primeira pressão, logo é evidente a necessidade de segunda pressão mais forte. Faz-se pois derreter a stearina, como precedentemente, por 2 ou 3 horas, e deita-se tambem nas celhas para arrefecer e produzir novos crystaes; estes partidos em bocados, como ja se disse e embrulhados, deitam-se em saccos de clina quentes, e mettem-se estes na prensa, separados uns dos outros por laminas tambem quentes. Depois d'esta segunda pressão resta uma massa inteiramente exhausta d'oleína, e que não tendo soffrido a minima acção d'agentes chimicos, póde ser empregada com vantagem no fabrico do sabão; embranquecida que seja pelos meios ordinarios.

A stearina embranquece-se por meio do seguinte processo, sem intervenção do chloro:

Depois de derretida a massa de stearina vasa-se n'uma pia onde se faz correr agua fria que immediatamente a solidifica. Os crystaes de stearina assim produzidos são postos ao sol e ar livre, e em pouco tempo se tornam brancos. Derretem-se depois a banho-maria ajunctando-lhe 2 por 100 d'acido sulphurico, que lhes separa todas as materias heterogeneas que possam conter. Derretem-se ainda depois pela última vez, mixturaudo cinco claras d'ovo por cada 50 kilogramos de stearina, e mexendo sempre Obtem-se assim uma substancia perfeitamente branca, solida e bem crystallizada, que póde servir para fazer vellas. As torcidas d'estas vellas serão immergidas por dôze horas n'uma dissolução de 1 parte d'acido borico e 24 partes d'alcool; depois do que espremem-se levemente para expulsar o liquido superfluo. Este processo serve tambem para embranquecer qualquer outra materia gordurenta, e igualmente a cera.

DOENÇA DAS BATATAS EM PORTUGAL.

343 Sr. *Redactor* — Tenho notado ver tão apregoado nos jornaes do dia a noticia infausta d'essa molestia epidemica, que por tão assustadora maneira atacou o quasi exclusivo alimento dos pobres irlandeses — as batatas; sem que ninguem tenha dito que o nosso paiz tambem foi infectado por esse contagio; quando por estes sitios, ao menos, experimentámos igual praga. Os seus resultados são aqui bem menos horriveis que na pobre Irlanda; mas não obstante isso a falta das batatas é uma falta sensivel para o lavrador, principalmente nas provincias do norte, onde o seu uso está generalisado e a sua cultura é ja tão extensa. Direi em poucas palavras quaes são os characteres que n'estes sitios tem apresentado a molestia das batatas.

Os symptomas que se observam nos tuberculos infectados, são exactamente os mesmos que se observam na Irlanda e outros paizes, segundo a descripção dos jornaes. Aqui observa-se a mesma *mancha fatal*, que é uma nodoa escura que começa n'um ponto da superficie do tuberculo e se estende por toda a extensão do mesmo, lavrando da peripheria para o centro, reduzindo a polpa de farinacea, que era a uma substancia encurticada e de côr escura. Em algumas especies conserva a batata a mesma fórma natural, mas em outras, forma-se uma como cavidade ulcerada, com os bordos calosos, que se vai extendendo até reduzir a batata á putrefacção geral. — Algumas ja appareceram tambem doentes debaixo da terra, outras tem-se ido alterando successivamente.

Fique pois tambem registado este facto, e saiba-se que aquella epidemia se generalisou á nossa terra.

Cortiços, 12 de dezembro e 1845. *A. Mauricio Cabral.*

DOCKA FLUCTUANTE.

344 No Havre, em Amsterdam e agora em Marselha, acham-se em exercicio umas dockas fluctuantes, d'invenção americana, e que servem para dar querena aos navios em posição vertical; cuja utilidade é evidente, principalmente para os vapores, a que as rodas impedem podêrem-se voltar de lado. A economia que resulta d'esta innovação é uma das suas principaes qualidades.

Nós felizmente não teremos que invejar ésta invenção aos extrangeiros logo que seja construido o estaleiro-docka do Sr. Manuel Luiz dos Santos. Ésta machina serve não so para a operação da querena em posição vertical; mas tambem para construcção e toda a qualidade de concerto, sem ser necessario desapparelhar o navio quando d'isso não tiver precisão. O estaleiro-docka do Sr. Manuel Luiz é fixo, circumstancia que o torna mais vantajoso que se fôra fluctuante; mas por meio de um berço de certa disposição, que vai á agua receber o navio, é este depositado na docka o mais suavemente possivel, porque um ma-

chinismo ingenhoso arrasta o berço até ao logar conveniente. É de esperar que este feliz invento se não demore a funccionar.

HORTO-BOTANICO DA ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA (*)

345 Ja sabeis o modo porque se acham dispostas as plantas no nosso horto-botanico, e quaes são as vantagens que uma classificação natural ostenta sempre sôbre outra que se baseasse em characteres especiaes, e por isso pouco importantes. Lisongear-me-ia bastante se vos podesse mostrar cada uma das familias que figuram n'este pequeno espaço, e cada um dos seres que constituem essas mesmas familias; o meu desejo porém está bem longe de podêr realisar-se, não so porque um estudo tão minucioso vos poderia infadar, mas tambem porque a natureza se opporia a tal pertenção.

Sabeis perfeita mente que a obra do Creador é primorosa em toda a sua extensão; e que a natureza organisada, obedecendo ás leis que lhe foram impostas, espera epochas e periodos determinados para patentear á nossa contemplação o resultado de trabalhos immensos, que o homem não póde observar porque são do dominio da vida interior, da vida organica, dos mesmos seres. Se assim não fosse, se todas as plantas ao mesmo tempo brotassem da terra, se o crescimento fosse egual para todas, se o mesmo mez ou estação visse o sorrir agradavel das flores; se uma triste velhice despregasse a todas de uma vez as folhas, e um so golpe de exterminio lhes roubasse a existencia; quanto seriam para lastimar essas epochas em que a natureza despojada de seus ornatos se enluctasse pela morte das plantas. Mas não é isso o que acontece; as plantas são dotadas de uma organisação diversamente modificada, e que lhes faz experimentar precisões differentes. Se para uma é sufficiente o calor temperado da primavera, se então o seu desenvolvimento é completo, a sua existencia feliz; bem depressa a mudança de estação lhes annuncia a hora em que deixando de existir cederão o logar que occupavam, a outro ser a quem um organismo mais robusto permitte supportar sol mais ardente. Éstas outras plantas ainda talvez não sejam tão fortes que impunemente soffram o frio do inverno, como aquelles seres a quem a natureza destinou para acompanharem o homem n'esta epocha da vida tam triste e tam prosaica.

Vedes pois que as plantas se succedem e substituem, apresentando-nos sempre um quadro vistoso e admiravel, que difficilmente se póde comparar com alguma outra cousa creada. Vamos pois, vamos depressa, contemplar esse quadro que tam perto se nos offerece, e percorrendo algumas familias naturaes investiguemos o que ellas nos apresentam de mais notavel.

Desçamos estes cinco degraus e começemos a contemplar as trez familias que nos ficam mais proximas, a das *verbenaceas*, *labiadas* e *compostas*. Á frente da primeira tendes um vejetal que, posto que tenha perdido algum tanto da sua antiga reputação, comtudo ainda é importante porque a sua historia se liga com a de dois povos guerreiros e litteratos, isto é dos gregos e romanos: sabeis que fallo da *verbena officinalis*, a quem povos antigos consagravam grande respeito, como herva dos sacrificios, como adórno dos sacerdotes, como panacea, deixai-me assim dizer, para todos os males. A *verbena*, *urgebão*, ou mais dignamente *herva sagrada*, é pois o primeiro individuo d'esta familia; a seu lado está outra planta a quem vulgarmente chamam *urgeboa*: deixai porém essa e todas as mais representantes d'este grupo, e fixai a vossa attenção por um pouco na *verbena chamada difolia*, que é o ultimo elo d'esta cadeia vejetal. Ao vel-a lembra-me a mulher que no desgosto, na dor, na afflição a mais pungente, conservasse nos labios o sorriso da paz e da innocencia. Se virdes ésta verbena na primavera, no verão, no mesmo inverno, encontral-a-hei sempre ostentando as galas simples mas bellas que a natureza lhe liberalisou. Suas flores vermelhas e brilhantes, parecem ainda muito mais bellas sôbre o tapete verde que lhe formam as suas folhas que se extendem humildes sôbre a terra.

Este vegetal contrasta perfeitamente com aquelle que vedes ao lado do *solanum esculentum*, isto é, com o *solanum marginatum*; que orgulhoso se eleva confiado no seu proprio podêr: não vos approximeis; retirai-vos d'elle; se por acaso tocasseis seus ramos manchar-vos-ia com esse pó branco que lhe cobre as folhas; se tentasseis colhêr um de seus fructos serieis victima por que imprimiria em vós os cumpridos aculeos que lhe ornam a dorso da folha. Não é so este vejetal que encontrareis tão cruelmente disposto a offender-vos; muitos outros ha que possuem orgãos similhantes para o exercicio de uma funcção importante á vida, como é a exhalação e absorpção dos gases, que levados ao interior do organismo se hão-de converter em outros tantos meios de vida e nutrição.

A familia das *cetaceas*, que vedes aqui representada por dezeseis individuos, ainda vos dá um exemplo mais frizante d'essa disposição dos aculeos. Deixemos porem essa familia e vamos vêr alguns individuos das *labiadas*, que nos interessam bastante, não so pelo elegante das fórmas, mas mesmo pelo delicado dos seus orgãos. N'estas trez salvias podereis ja reconhecer aquella disposição a que os botanicos chamam pilosa; isto é, podereis descobrir pequenos pêllos que lhes revestem as folhas e caules: n'esta outra, na *salvia horminum*, os pêllos são terminados por umas pequenas glandulas que somente se podem descobrir auxiliando a fraqueza da nossa vista com o microscopio. Este vegetal parece que foi mais favorecido pela natureza, que á formusura, propria das suas flores quiz accrescentar o bello colorido de seus orgãos terminaes, a que os botanicos chamam bracteas, e n'este especialmente se reconhecem pela sua côr que perfeitamente se distingue das folhas propriamente ditas.

Não vos admireis d'essa planta, nem tão pouco da disposição de seus orgãos, porque depressa encontrareis outras em que vos surprenderá a elegancia das fórmas, o delicado dos orgãos, e a riqueza de principios com que ellas satisfazem ás nossas necessidades, e mais de uma vez aos nossos caprichos. Estas duas *salvias* que aqui vedes tão bellas e tão gentis, que por sua galhardia teem sido aclimadas em todos os jardins, offerecem um testemunho bem claro do quanto a natureza cura dos vegetaes defendendo os seus orgãos da intemperie das estações, até que elles

(*) Continuado de pag. 292.

tenham bastante vigor para resistirem aos rigores do tempo. A *involucrata* apresenta cada uma das piquenas flores involvidas em um involucro petaloide, que cahe e deixa d'existir quando o orgão que abrigou não necessita mais do seu auxilio. A *salvia cardinalis* é tão linda, tem uma côr vermelha tão intensa, e tão avelludada a superficie, que os botanicos a appelidam *cardinalis* pela similhança que tem com as vestes dos cardeaes; e alguem tem procurado encarecer a sua belleza chamando-lhe *barbas de Jupiter*. Examinai a disposição dos estames d'essa flor, orgãos tão importantes para a existencia das especies como é importante para a existencia do filho a de seu pai, com o vosso canivete separai as petalas, affastai por um pouco essas cortinas avelludadas que circumdam o thalamo nupcial, e encontrareis os orgãos masculinos reclinados e repousando, ou seja disponde-se ja para o grande acto da reproducção, ou descançando da fadiga que por fim lhe hade produzir a morte.

Fatal condição da vida, onde os gozos são sempre acompanhados de penas!

Se quereis vêr outra disposição dos estames, se vos apraz comtemplar todo o excesso da polygamia, vinde observar éstas plantas tão numerosas, que constituem a familia das *compostas*; n'este grupo estão reunidas todas as plantas, em que as flores se teem aggregado para mutuamente se auxiliarem, para partilharem os mesmos prazeres ou as mesmas desditas. É pois ésta familia uma das mais numerosas do reino vegetal; e com effeito bastantes são os seres que a representam n'esta assemblea tam vistosa. Estou confuso á vista de tantas plantas que constituem ésta familia; não sei a qual dê a preferencia quando todas egualmente captivam a nossa attenção. Será mais prudente talvez avançarmos um pouco abandonando estes seres que so poderiamos observar bem se aqui possuisemos um microscopio.

A natureza é ricca bastante para deixar de prestar-nos objectos dignos da nossa attenção; apanhai um ramo de cada uma d'estas *fuxias* e dizei-me o que notais na sua flor. Este vegetal nascido na Inglaterra, n'esse paiz tão frio e desabrido, deleita-se de viver juncto a nós. As suas flores, a que os botanicos chamam *brincos de princeza*, são vistosas pelo brilhante das suas côres; o vermelho do calice condiz com o escuro da corolla: mas não é essa a maior belleza d'esta flor; reparai para a disposição do seu pestileo, elle cresce bastante além dos estames que o circundam, é mesmo na apice bastante proeminente. Ésta disposição não é casual, nem o podia ser porque no creador não ha imperfeição; vedes que éstas flores pendem como humilhadas para a terra que as nutre: o que lhes aconteceria se o seu orgão feminino tivesse dimensões iguaes ou menores que os estames? certamente ficaria condemnada a uma perpetua esterilidade, porque o polen ja mais tocaria a superficie do stygma. Foi por isso que a natureza assim a dispoz: o polen sem custo fecundará o stygma, quando cahindo das antheras o encontrar no plano inferior.

Não julgueis porém que so os estames offerecem fórmas variadas; o stygma egualmente nos interessa pelo modo com que se nos apresenta. Tendes á vossa direita um exemplo famoso no *papaver somniferum*: a disposição que este orgão apresenta é a estrellada, ou segundo alguns auctores a de coroa. Ésta capsula, sobre que assenta o stygma, é notavel pelo succo que elabora; fazei n'ella uma incisão e vereis que o vegetal, como que durido, deixa correr da chaga que tão barbaramenre lhe fizestes, o seu sangue, o seu succo alimentador, o prestadio opio. Aqui está um vegetal que sacrifica a sua existencia a bem dos homens, e sem o qual o celebre Sydenham não sabia curar. É com este mesmo succo que os orientaes voluntariamente se embriagam, para gozar prazeres que elles não acham expressões com que possam descrever. Os chinezes fazem d'elle excessivo uso, e a materia medica o colloca entre os agentes mais energicos: o *papaver* é uma planta que ama a nossa terra, e que ja nos tem produzido opio bem ricco em principios activos. (1)

O que acabais de observar prova bem a vantagem da classificação por familias, onde a composição chimica dos succos vegetaes está em analogia com a natureza anatomica dos orgãos que alimentam. Na familia das *rosaceas* tendes individuos bastante notaveis pela natureza dos succos que elaboram. Estas arvores tão pomposas pela sua fórma e fructos, deixam transsudar, atravez dos seus tecidos, a gomma a que chamam do paiz: o *prunus domestica*, por exemplo, e o *cerasus duracina*; isto é, a ameixeira, e a cerejeira. Não penseis porem que a planta que estais vendo seja tão innocente como todas as que vos tenho mostrado: apertai uma das suas folhas entre os dedos e encontrareis o cheiro hydrocianico; e com razão porque estais examinando o *laurus cerasus*. Se passardes a ver aquelle loureiro que vos fica defronte, percebereis que a sua seiva está sobcarregada d'outros principios egualmente importantes, como é a *camphora*; que este vegetal, o *loureiro camphoreiro*, *laurus camphora* (2), tão generosamente nos produz. Ainda podeis observar outra planta bastante interessante, como é o *ficus elastica*.

É admiravel a variedade dos principios que se encontram no reino vegetal, e de que tanta vantagem se tira a favor da humanidade! O homem tem invadido o campo zoologico e vegetal, e á fôrça de indagações tem conseguido enriquecer-se com os bens que lhe não pertenciam; tem-se apropriado de tudo o que lhe póde ser util, não duvidando mesmo sacrificar o ente de quem se utiliza!

Terminando por hoje o nosso passeio, lançemos uma vista d'olhos sôbre estas duas familias das *malvaceas* e *linaceas*, para saudarmos duas plantas por extremo uteis. São o linho, *linum usitatissimum*, e o algodão, *gossipium herbaceum*.

Continúa. *João José de Sousa Telles.*

PARTE LITTERARIA.

N. B. — O 2.° v. das VIAGENS NA MINHA TERRA começará no seguinte número da REVISTA.

POESIA.

346 O Sr. Ribeiro Saraiva remetteu de Londres á REVISTA a lindissima poesia que abaixo se vai ler: o pa-

(1) O Sr. Dr. Bernardino analysando o opio, produzido pelas papoulas cultivadas no horto-botanico, achou que elle continha seis por cento de morphina.

(2) Não podêmos asseverar ja que seja o loureiro camphora é porém muito provavel.

quete chegou tarde, e quando a Redacção a recebeu ja não foi a tempo de ser publicada no dia proprio, publica-se porém no *oitavario* que ainda não é fora de tempo. Para dar logar a ésta poesia, e para não sobrecarregar este número de versos, retiraram-se outros que dizem respeito ao *anno-novo*; mas que se publicarão no seguinte número, tambem no oitavario.

Nas últimas quadras dos versos do Sr. Saraiva póde ser que alguem lhe pareça descobrir allusões politicas em contravenção do programma d'este jornal. A Redacção levaria o seu escrupulo até á suppressão d'estes versos, apezar mesmo do seu sentido vago e exclusivamente litterario, se as opiniões do Sr. Sariva fossem menos conhecidas ou mais perigosas; mas nas circumstancias d'este nosso illustre compatriota, e da maneira porque as suas ideas aqui são enunciadas, decerto que nenhum outro valor se lhes póde dar senão o de simples polemica-litteraria entre as velhas e novas crenças politicas.

O NATAL NA MINHA TERRA.

A minha terra é Sernancelhe, na Beira-Alta, bispado de Lamego, commarca de Trancoso; villa acastellada, muito nobre e antiga.

1.

Irman gemea da saudade,
Memoria de horas gostosas,
Ou de amor, ou de amizade,
Ou de puericia mimosas;

2.

Vem dar-me suave auxilio
No mais favorito empenho,
Que hoje, na terra do exilio,
Pensando na patria, eu tenho.

3.

Lembra-me as scenas, fagueira,
De innocencia e de alegria,
Que outr'ora, na minha Beira,
Sacro Natal me trazia.

4.

Vinha a festa desejada
Em proprio tempo chegando,
E talvez era accusada,
Porque não vinha voando!...

5.

Como se, quando passasse,
Na saudade e na lembrança
Melhor prazer nos deixasse
Que os de risonha esperança!...

6.

Quanto agora lhe hei notado
Differença bem sensivel,
Ao evocar um passado
Que é ja futuro impossivel!...

7.

Assim mesmo, eu te bemdigo,
Adoravel Providencia,
Nos gozos que traz comsigo
Amena reminiscencia!

8.

Vou Senhor, vou transportar-me
Aos annos que se esvahiram;
Venham de novo alegrar-me
Alegrias que fugiram!...

9.

Hei-de goza-las presentes,
Por graça da phantasia,
Consoladora de ausentes,
Fada amiga da poesia.

10.

Resuscitem, refloreçam,
Glorias de idades saudosas...
Antes que se desvaneçam
Quão pouco, homem-germe as gozas!

11.

Mal despontante bucinho
Trocado em barba desejas;
Oh! que mal sabes, louquinho,
O que aos adultos invejas!...

12.

Com annos virão cuidados;
E agudo sentir do mal,
Que tornarão mui aguados
Os prazeres do Natal!...

13.

Mas, ah, por hoje deixai-me,
Sêccas moralisações;
Tregoas ao animo dai-me,
Tristes, graves reflexões...

14.

Por cima de annos e mares
Hoje na idea saltemos;
Ao mimo dos patrios lares,
A' tenra idade voltemos

15.

Foi sempre da mocidade,
Da meninez, da innocencia,
O Natal, na christandade,
A Festa por excellencia:

16.

Ninguem toma tanta pena,
Se põe tanto em movimento,
Como a Geração Pequena
No Sagrado Nascimento.

17.

Ao pinheiro resinozo
La trepa moço atrevido,
Buscando o fructo invernoso,
Nas nuvens quasi escondido; (1)

Como allusões e costumes locaes, que necessariamente fazem a principal parte de composições como a precedente bagatela, tem de perder, para muita gente, bastante de seu interesse, não sendo bem intendidas, por isso me não pareceu inutil o ajunctar aos versos algumas notas.

(1) Na minha terra, e suas visinhanças, o fructo do pinheiro-manso (talvez por isso mesmo que então está maduro na arvore) figura essencialmente nos divertimentos juveniz do Natal; e nas vesperas d'este se observa a colheita que descrevo, na qual, como bem se pensará, mais de uma vez tomei parte, com todo o gôsto e interesse d'aquelles dourados annos! A 'vara amarelada na ponta, etc.' é instrumento muito util no chegar ás pinhas e derrubal-as; diminuindo os perigos de queda abaixo dos pinheiros, que, como é sabido, chegam, principalmente nos valles de nossas montanhas, a uma enorme altura. Escolhem os moços uma vara com dous braços na extremidade, em for-

18.

Vara annelada na ponta
Leva no braço pendente,
Com ella a distancia affronta
Do ramo o mais eminente;

19.

A cada golpe que emprega,
No chão baqueia uma pinha,
Em quanto em baixo o collega
Os dous cestos enche asinha.

20.

É guardado em condecilha
O fructo assim apanhado,
Para fazer-se a partilha
Quando o Natal for chegado;

21.

So algum desde ja serve
Do tempo nos mimos varios,
Para os quaes fábrica ferve
De ramos, palmas, rosarios. (2)

22.

Na alegre manufactura
Cada qual mais se desvela,
Abre o moço a pinha dura,
Brita-lhe a noz a donzella.

23.

Dedos mais brancos e lizos
Do que os pinhões debulhados
Vão d'estes, entre sorrisos,
Flores formando e bordados.

24.

Com sua baga vermelha,
Sempre-verde gilbarbeira,
Pela folha, que semelha
Ferro de lança guerreira,

25.

Entra n'estes artificios;
E nem do tojo amargoso
D'esta vez os bons officios
Desdenha artista ingenhoso:

26.

Ao ramo de esteril planta,
Inda ha pouco toda espinho,
Fada, que os olhos encanta,
Dotou-lhe o fructo do pinho;

27.

Que alfim, com arte mesclado
De amendoas, passas, e figos,
Vai ser presente estimado
Entre impuberes amigos.

28.

Mas ei-lo amanhece o dia
Vinte e quatro de dezembro...
Com doce melancholia
D'elle saudoso me lembro!...

29.

Me lembro!... Não; vejo, sinto,
Gozo, no paterno tecto,
Muito melhor do que o pinto,
Este dia predilecto:

30.

Dia, em que o ricco, o artesano,
O parocho, o cavalleiro,
O lavrador, o paisano,
Mesmo o simples pegureiro,

31.

Cada qual, humilde ou nobre,
Em ledo apresto se empenha
(Talvez consiste o do pobre
N'um feixe de sècca lenha!...)

32.

Logo desde a madrugada,
Hoje do anno a mais tardia,
Que a alegre festa é chegada
Tudo em casa me annuncia.

33.

Ja da cama toda a gente
Sahiu com risonha cara;
Amo trabalha e servente,
Tudo lida e se prepara.

34.

Giram todos sem paragem;
Abre-se a porta cem vezes;
Vai recado, vem mensagem,
Por vinte moços cortezes.

35.

Chegam, quaes foros antigos,
Mimos 'para os seus criados',
Entre parentes e amigos
Na quadra sempre trocados.

36.

Periodicos vem, condeça
Ou cesto, da Tia Freira,
Com os da Madre Abbadeça
Do convento da Ribeira, (3)

quilha, e enlaçando estes um com outro, formam a especie de *ansa* ou laçada, que serve para enfiar no braço quando se trepa á arvore, e para abranger as pinhas e as despegar dos ramos elevados. Parte do fructo assim colhido guarda-se para solemnemente se abrir ao fogo da vespera do Natal; outra parte abre-se antes, para d'ella preparar os presentes juveniz do tempo.

(2) Quem fôr da Beira-Alta não terá difficuldade em intender todas éstas allusões: saberá mui bem o que significa um *rosario-de-pinhões*, e como fabrica a gente moça flores e ornatos de diversas fórmas, combinando com outros fructos seccos e frescos, os pinhões, guarnecendo com elles os bicos de raminhos de tojo e de gil-barbeira, etc.: e talvez, como eu, em annos mais alegres, se tenha altamente regozijado com receber, pelo Natal, presentes d'éstas preciosidades.

(3) O convento de Nossa-Senhora da Ribeira, juncto ao Tavora e perto do meu Sernancelhe, e cujas religiosas habitadoras, quasi todas eram do conhecimento e amisade da minha familia. N'elle tinha eu uma tia (ou parenta) verdadeira, e muitas tias adoptivas, na minha meninice; tractando por esse nome quasi todas as freiras mais nossas amigas, ou pelo carinho que na verdade me mostravam — ou talvez pela regra proverbial '*quem dá é tio*' pois com grande frequencia recebiamos mimos e presentes d'éstas boae religiosas, com particularidade na occasião das fess tas, em que regalos similhantes se haviam tornado como um foro certo, sôbretudo da senhora abbadessa.

37.

Que offerta, em phrases modestas
De carta mui bem dictada,
Suas *doces* boas-festas
A toda a Familia honrada.

38.

Vejo (porque as imagino)
Diversões que eu tanto amava,
Quando joven, ou menino,
Meu quinhão n'ellas tomava...

39.

Que turma de homens é ésta,
Que á villa vem caminhando,
Rindo e cantando de festa,
Carro triumphal puxando?... (4)

40.

Trazem o cepo, que ardendo,
Durante a Missa-do-Gallo,
Da igreja o adro aquecendo,
Servirá de illuminal-o.

41.

Em torno ao fogo os meninos
Da parochia arrebanhados,
Dançarão, cantando os hymnos
Pelo natal costumados,

42.

E a espaços a brasa viva,
A' sacra pyra roubada,
Nos dará salva festiva,
Por grosso maço estourada. (5)

43.

Tambem nos lares caseiros
Menor cepo esparge brilhos,
Seccando os gordos fumeiros,
Alegrando pais e filhos: (6)

44.

D'elle em roda se enfileiram
As verdes guardadas pinhas,
Que ao fogo aquecendo, cheiram,
Transudando as louras tinhas. (7)

45.

A joven turba afanosa,
De martello e seixo armada,
Rompe a escama pegajosa
Sôbre a lareira esquentada.

46.

Da concha vão-se extrahindo
Emparelhados pinhões,
Que desde ja vão servindo
Em seus *pares ou pernões*.

47.

Repartidos irmanmente
Pelo bando folgasão,
Vão ser moeda corrente
Para os jogos do serão.

48.

Nem que fossem contas de ouro,
Travar-se-ha viva porfia
Para augmentar seu thesouro,
Na variada loteria,

49.

Entre os *nones* e entre os *pares*
Bilrará leve *Caruna*, (8)

(4) Uma costumeira curiosa da terra, onde nasci [e talvez de outras] era a de fazer um grande fogueirão no adro da igreja, durante o serão da vespera do Natal, e que, de ordinario, está ardendo em todo seu vigor ás horas da Missa-do-Gallo. Deve confessar-se que tal costume, no coração do inverno, n'uma noite de Natal, fôra muito bem inventado e intendido; como são a maior parte de outros antigos usos que taes. É igualmente notavel a circumstancia, de que, o tal fogueirão se compunha principalmente de um grande cêpo de arvore arrancada, o maior que se podia obter; e que, para esse fim, era tomado e apropriado onde quer que se encontrava, sem sobre isso se consultar a vontade de seu dono. Abundando a localidade em grandes arvores, especialmente castanheiros e carvalhos, succedia haver sempre, pelo Natal, algum grande cepo e raizes de arvore, arrancada pelo vento, ou de proposito, nos arredores da villa, as mais das vezes, em consequencia da difficuldade que o dono encontrava ou de o transportar inteiro a casa, ou de fazel-o partir em pedaços. Não faltava entre os paisanos da terra quem noticiasse onde se achava tal desideratum; e então, proximo á Festa, sufficiente e superabundante, número dos homens da povoação, tomando um dos carros communs e fortes da lavoura, atando-lhe como escadas de corda, por meio das quaes muitos individuos podiam commodamente puxar, iam carregar o cepo indicado, sem mais ceremonia ou licença, e o conduziam ao adro, tirando todos o carro, entre rizadas, alegrias e galhofas, como em triumpho. Nenhum proprietario jamais se lembrou, bem intendido, ou de oppor-se a tal uso de cêpo seu, ou d'isso queixar-se.

(5) Para algumas pessoas precisará sua explicação este modo de causar um estrondo como o de uma bomba de festa; é elle, que cuspindo primeiro sôbre uma lage boa cuspidela, pondo sôbre ésta uma braza bem viva, e no mesmo instante batendo-lhe em sima em cheio, com um maço rodeiro, ou pêso similhante e com força, se produz uma explosão e detonação consideravel; da qual os rapazes da minha terra sabiam tirar o partido que descrevo, para divertir-se e festejar o Natal, offerecendo para isso a fogueira tão boa opportunidade.

(6) Assim como no adro se queima um grande cêpo, tambem nas casas particulares queima cada um de seus donos o seu cepinho menor, segundo as proporções de seus teres; e em roda da fogueira, que geralmente ajuda a seccar ja os fumeiros da sasão, se aggrega e alegra a familia do lavrador, e do paizano, n'ésta solemne e gostosa noite.

(7) *Tinha* se chama na Beira-Alta á rezina dos pinheiros, e das pinhas, que d'éstas transuda quando, como de costume, as esquentam para com facilidade as abrir, ao fogo d'este serão, sendo essa uma das primeiras operações por onde o mesmo começa; cunhando assim a *moeda* que aos jogos da noite serve, repartindo-se, no principio d'ésta, com igualdade os *capitaes* pelos socios do brinquedo.

(8) *Caruna*, este nome, que nunca escripto vi, e de que não sei a origem, ou a etymologia, aprendi, sendo pequeno, na villa de Taboaço, assim como o jogo a que se refere, o mesmo a que os inglezes chamam *Titotum*, e os francezes *Toton*. É como um da-

Distribuindo os azares
De caprichosa fortuna.

50.

«*Rapa*» «*Deixa*» «*Põe*» ou *Tira*,
Empenham mais ambições,
Que se alli se decidíra
Sorte de grandes nações.

51.

O rebanho galhofeiro
Faz mais gralhada e ruido,
Que cem pobres n'um palheiro
Depois de haver bem-comido.

52.

Agora os jogos deixemos
Da contente juventude,
Porque outras scenas gozemos
De caridade e virtude.

53.

Vamos á mansão piedosa
De gente nobre e abastada,
Ver como á necessitosa
Se prepara a *consoada*. [9]

do, atravessado pelo centro de dous dos seus lados oppostos por um pequeno eixo, tres vezes tão longo como um dos mesmos lados, e que d'estes sobresahe igualmente. Nos outros quatro lados ao eixo paralellos acham-se escriptas, uma em cada qual, as quatro lettras R., D., P., T.; das quaes, fazendo-se bilrar, ou andar como pião, sôbre um dos bicos do eixo, o mesmo dado, quando este cessa e cahe, uma se apresenta necessariamente voltada para o ar; e seguudo esse azar se ganha ou perde. R., que significa *Rapa*, é a sorte grande; pois auctorisa aquelle que a tirou fazendo bilrar a caruna, a tomar para si todo o bolo, formado por contribuições eguaes dos jogadores, que vão por seu turno bilrando. D. (*Deixa*) não dá perda nem proveito; pois aquelle a quem sahiu nada saca do bolo, ou lhe paga. P. (*Põe*) é má lettra; pois obriga quem a teve a pôr ou ajunctar ao bolo uma entrada ou marca. T. (*Tira*) dá direito a tirar do bolo a mesma entrada ou marca que um P. obrigaria a pôr. —Talvez o jogo tenha outro nome em portuguez: talvez muita gente o saiba como o jogo mesmo, e so á minha ignorancia seja devido o julgar precisas éstas descripções; como eu porém outro lhe não sei, uso o de Taboaço, posto que em diccionarios o não ache: se acaso, como em outras coisas succede, por ahi se tem adoptado, quiçá, o nome francez ou inglez, acho isso razão de mais para usar eu de um nome portuguez, inda que outra auctoridade me não assista senão a dos meus antigos pequenos companheiros de Taboaço.

(9) O que descrevo d'aqui por diante, sobre as *consoadas*, etc. nada tem de exagerado; é o que vi praticar constantemente na minha propria casa, e nas de outras pessoas de bem da minha terra, na vespera do Natal á tardinha; aproveitando-se assim o pretexto da Festa, e das consoadas pelo jejum da vigilia, para enviar aos pobres, e ás familias em condição menos affluentes, um mimo, para éstas, e uma verdadeira caridade para aquelles, pois ás pessoas que se sabia serem mais pobres, enviava-se além dos mimos, algo de mais solido e substancial com que nutrir-se tambem. A scena que represento na azafama da

54.

Mostra salão espaçoso
Vasilhas muitas e vastas,
Com provimento abundoso
De mimos de varias castas.

55.

Em famosa quantidade,
Aquella canastra immensa
Contém de orelhas-de-abbade
Em branco linho a despensa.

56.

Largo vaso ao pé se observa,
Onde o balsamico mel
Feito em calda se conserva
Para o tenro coscorel.

57.

De uvas, maçan, nozes, figos,
Passas, castanhas piladas,
E de outros que taes artigos,
Ha sacos e canastradas.

58.

Damas da casa e donzellas
Liberaes vão repartindo,
Em cada qual das parcellas
Porção de tudo incluindo.

59.

Portadores diligentes,
Em seus trajos domingueiros,
Andam levando os presentes,
Mui lestos e prazenteiros;

60.

E no alvergue da viuvez,
Na mais pobrinha morada,
Não faltará d'esta vez
Saborosa consoada:

61.

Vai coscorel por cabeça,
Em prato muito lavado,
Sem que o bastante careça
De seu molho açucarado.

62.

Assim dos outros regalos
Entra a proporção devida;
A mão que soube mandal-os
Não faz mesquinha medida:

repartição, preparo e envio das consoadas, os objectos que menciono, etc., é tudo copiado ao pé da letra, da verdade real, por mim mesmo tantas vezes periodicamente observada, sem exceptuar as canastras que forradas com toalhas de linho, se accumulavam de orelhas-de-abbade, ou *coscoreis* (o nome na minha terra), e d'onde depois se distribuiam. — Em tudo isto ha muito maior sabedoria e utilidade do que á primeira vista se descobre; este cultivar e entreter assim, por actos de bondade e carinho, as relações entre as classes pobres da sociedade e as mais riccas, contribuiu em nossos antigos costumes, grandemente a crear e fomentar na republica uma adhesão mutua, e uma consequente unidade, do maior valor; e das quaes hoje se lamenta, na Gran'-Bretanha, por exemplo, profundamente a falta, sentindo-se d'esta os mui nocivos effeitos.

63.

Faz, sim, com pia destreza,
Que esmola acceite risonha
Mesmo encolhida pobreza,
Que de esmolar se envergonha.

64.

Por taes artes bemfazeja
Logra amavel caridade
Que se abençôe da igreja
Tam alta Festividade;

65.

Ao sentir o desvalido,
Por annuncio tão jucundo,
Que para elle é nascido
O Deos salvador do mundo!

66.

Ultimada alegremente
A distribuição piedosa,
Em sociedade contente
O mais do serão se goza:

67.

Canta-se, toca-se, ri-se,
Alvos confeitos circulam;
Nos jogos da meninice
Mesmo adultos especulam.

68.

Segue-se em divertimento,
Que horas e fome enfeitiça,
Até que chegue o momento
De correr do Gallo á Missa.

69.

Repiques de campanario,
Em sons de jubilo cheios,
Do nocturno anniversario
Vem suspender os recreios.

70.

Eis, no templo illuminado,
Solemnes canticos soam;
Aos ceus em fumo sagrado
Envoltas as preces voam,

71.

Unem-se humanos accentos
Aos da musica celeste;
Porque os gratos sentimentos
Mundo humilde aos ceos atteste.

72.

«A DEOS nos Excelsos Gloria!
Aos homens na terra paz!»
Salvou-se o Mundo! Victoria!
Prostrado o Inferno jaz!

73.

Vede como se reclina
Em precepe tão rasteiro
Aquella Essencia Divina
Filha do DEUS VERDADEIRO!...

74.

No mais pobrezinho abrigo
Quiz nascer tal Magestade,
Porque fez nascer comsigo
A virtude da Humildade! (10)

75.

Vinde adoral-o, pastores,
O Christo por nós nascido,
Redemptor dos peccadores,
Dos prophetas Promettido!

76.

Simples dons offerecei-Lhe,
Prehenchendo o sancto rito; (11)
Mas, sôbre tudo, trazei-lhe
Coração puro e contricto.

77.

Eis a Missa concluida
Co'a solemne Adoração;
Ja, qual mais prompto, á sahida,
Todos a casa se vão;

78.

Depois que, ás portas do templo,
Fraternaes gratulações
Trocaram, com pio exemplo,
Cavalheiros e peões.

79.

No que ao lume ferve ou torra
Toca a tirar cada um
Sua completa desforra
Por vigilia de jejum:

80.

Mostarda não se carece,
Appetite o caso o chama,
O somno logo apparece.
Emfim, vai-se tudo á cama.

81.

Na manhan, quando é chegada,
Visitam-se os conhecidos;
Vai toda a gente enfeitada
Com seus melhores vestidos.

82.

No meio dos cumprimentos,
Refrescam-se as amizades,
Esquecem-se agastamentos,
Perdôam-se inimizades:

83.

Fructo do exemplo sagrado
D'este caridoso dia,
Por onde o mundo culpado
Ao ceo se reconcilia. (12)

(10) O Christianismo póde dizer-se que confirmou, sanccionou e aperfeiçoou, as outras virtudes; mas que creou, inventou, a preciosa virtude da Humildade, a qual, no seu verdadeiro sentido, se não conhecia antes de vir ao mundo o SALVADOR: do valor d'esta virtude se julgará devidamente quando se reflectir, em que foi a primeira de que, por seu proprio Nascimento, o Messias se apressou a dar-nos o exemplo!

(11) Á Adoração do Menino Jesus, que na igreja da minha terra tinha logar no fim da Missa-do-Gallo, costumava lançar-se n'uma salva, para isso patente, alguma pequena offerta; uma laranja, ou outro fructo, constituia, muitas vezes, o simples dom da innocencia, por ésta mais precioso que diamantes ou perolas.

(12) Outra das bellas circumstancias que acompanhavam o velho Natal, era ésta das conciliações que por tal occasião se faziam, entre pessoas e familias que andavam agastadas e indifferentes, em razão de contendas ou procedimentos que haviam tido logar durante o anno. Os sentimentos acalorados, e as mais das vezes, por mais ou menos culpa de ambas as par-

84.

Farta mesa appetitosa
Logo circundam contentes
A familia generosa,
E os mais chegados parentes.

85.

Quando Deos quer, ja figura
No jantar bom serrabulho,
Torresmo, lombo em fartura,
O figado, e mais debulho:

86.

Porem o rei do serviço
É gordo perum assado,
Ja de ha muito, para isso,
No melhor pasto cevado.

87.

Faz-se honra do tempo aos pratos
Com gostosas libações,
Ditos agudos e gratos
Ornam as conversações.

88.

No luxo da sobre-mesa
É que o Natal sempre brilha;
D'ella co'a maior franqueza
O bando infantil partilha.

89.

Na tarde e serão que seguem
Vem de amigos larga roda,
Que em recreações prosseguem,
Quaes sugere o tempo e a moda.

90.

O cha, que hontem foi solteiro,
Somente de agua tingida, (13)
Ja traz muito companheiro,
De qualidade escolhida;

91.

Além da loura torrada,
Pão nosso de cada dia,
Que parece *Eva* creada
Para lhe ser companhia,

92.

Riccos, varios, mesmo novos,
Em fórmas, gôstos, e côres,
De amendoa, de fructa, de ovos,
Vem do convento os primores: (14)

93.

Mas não, como de outras vezes,
Com o bulle desparecem;
Alli promptos aos freguezes
Todo o serão se offerecem.

94.

Altas horas são da noite
(Ou melhor, da madrugada),
E apenas ha quem se afoite
A fallar de retirada.

95.

Razão sobria, não desejo,
Alfim os adeuses pede,
Entre abraços, e algum beijo,
O circulo se despede;

96.

Mas não sem que o voto emitta,
De que, em ditas augmentado,
De hoje a um anno se repita
Este serão festejado.

97.

Tal era antigo Natal,
Que me faz tanta saudade!..
Hoje é crime em Portugal,
E de lesa « *Liberdade* »:

98.

Repugnam á tal Criança
Estas velhas costumeiras,
De *Idades Livres* herança,
Não de eras *liberdadeiras*.

99.

Moderna philozophia, (15)
Na « reforma » das Nações,
Em vez de paz e alegria,
Receita — « *Constituições* »!....

tes excitadas, tinham esfriado, e dado logar á reflexão e arrependimento, de maneira a fazer desejar o restabelecimento das antigas amigaveis relações; o capricho porem, e amor-proprio, impediam, de ordinario, que qualquer dos agastados cedesse a ponto de ir procurar o outro, sem algum pretexto de todo extranho ás disputas. Este pretexto na occasião das boas-festas se offerecia; os agastados o aproveitavam visitando-se mutuamente; n'estas visitas, trocavam-se cumprimentos e expressões de amizade, fallava-se de tudo menos no objecto das differenças, e d'ahi em diante continuavam as relações amigaveis como se nunca houveram sido interrompidas. A occasião para pazes e reconciliações não podia ser melhor escolhida, que a da solemnidade commemoradora do nascimento do Christo, dado ao mundo como penhor de paz e reconciliação entre elle e o Ceo.

(13) O cha da vespera do Natal, como de dia de jejum, reduzia-se á simples tintura singela e desacompanhada; mas no dia da Festa, compensava-se, pela abundancia e variedade das concomitancias hoje, a total ausencia d'ellas hontem.

(14) Quem não sabe que nos conventos das nossas boas freiras se fazíam as mais saborosas e delicadas confeitarias? E era pelo Natal que mais tal fábrica se aprimorava.

(15) A minha maneira de escrever *philozophia* com *z*, quando fallo da falsa e inganosa, que tanto ha corrompido e damnificado o mundo, n'este seculo e no passado, é porque derivo ésta de φίλος, *amigo*, e φίλος, *escuro*, *confusão*, em vez σόφος, e Σόφια, *sabedoria*, *luzes*. A philosophia verdadeira, aquella, *cujus principium est timor Domini*, nada, com effeito, tem de commum com a presumpçosa inspiradora dos modernos « regeneradores » do mundo moral e politico; não se deve, pois, dar o mesmo nome a cousas tão antagonistas, ou, pelo menos, não se devem ambas escrever com as mesmas lettras.

100.

Liberalismo estouvado,
Que tudo o que é bom desterra,
Consta-me haver desterrado
O Natal da minha Terra.

A. R. Saraiva.

Londres, 19 de Dezembro, de 1844.

ESPECTACULOS.

THEATRO DE SAN'CARLOS.

MARIA PADILHA — opera em trez actos, poesia de *Rossi* musica de *Donizetti*.

347 Maria Padilha é um mau drama de M.me Ancelot reduzido a libretto ainda peior por C. Rossi: o facto historico hispanhol, despido dos ornamentos da poesia franceza ou italiana, é per si so, mil vezes superior á acção dramatizada na França ou na Italia. Ja se deixa ver que a musica, apesar de Donizetti, devia de ressentir-se da inferioridade do texto. E comtudo tem ésta opera lindos trechos; a cavatina do 1.° acto

Sorridi, o caro sposo,

o coro do 2.° acto

Nella regia dell'amore

o duetto das duas damas do mesmo acto

Di pace a noi bell'iride

e o grande duetto de soprano e tenor do 3.° acto; mas nota-se certa falta de nexo, certa deficiencia no complexo, que não deixa collocar ésta opera entre as melhores de Donizetti.

O desempenho foi regular; mas notou-se principalmente o alegro do duetto pelas Sr.as Ranzi e Grimoldi, que foi muito applaudido. O Sr. Landi, encarregado da parte de tenor, fez o seu debutte n'esta peça. Não lhe louvâmos a escolha por muitas razões. Ésta parte na *Maria Padilha* é uma parte *sui generis*; e não se póde sympathizar com um tenor a desempenhar um papel de velho. A voz do Sr. Landi é muito clara, de mui agradavel timbre, abaritonada mas curta; diz os recitativos com grande intelligencia, canta bem um adagio, mas fallecem-lhe os recursos para um allegro de fôrça.

A opera está decorada com sufficiente magnificencia e ornada com um bailado, composição do Sr. Martin, em que as Sr.as Moreno e Marsigliani dançam um passo-a-dois bastante gracioso e bem executado. Realmente o corpo de baile está hoje fazendo uma figura distincta, e está merecendo muito ou seja pelos bailaveis ou pelos executantes: creio que por uma e outra coisa...

Na segunda-feira [29] foi o beneficio do Sr. Martin. Os espectadores correram em multidão a victorear o distincto dançarino. A enchente foi *real*. O Sr. Martin e a Sr.a Zimmann, sua esposa, dançaram pela primeira vez a *polka-hungara*. É força confessar que a *polka parisiense* tem muito mais *coquetterie* e voluptuoso abandono: pareceu-me além d'isso o *tempo* demasiado vivo e a valsa muito curta. Notava-se no rosto das nossas mais elegantes polkistas um vaidoso *risinho* de satisfação nos labios, acompanhado de certo ar de triumpho... E na verdade não havia remedio senão dar-lhe razão! A polka na sala — será, é de certo por ser dançada por ellas — interessa e agrada muito mais, seduz sem soffrer comparação.....

THEATRO DA RUA-DOS-CONDES.

A JUSTIÇA DE DEUS — melodrama em 5 actos e 6 quadros — traducção do Sr. *J. B. Ferreira*.

348 Mais um melodrama. Mas este ao menos tem um scopo moral, algumas scenas familiares muito bem tractadas, e dois ou trez lances bastante dramaticos. Era o beneficio da Sr.a Emilia: a illustre artista não tem n'esta peça papel que chegue á altura do seu talento; sabe porém tão elegantemente tirar partido da mais pequena parte, que em todas ellas é vista com muito interesse. A Sr.a Santos, encarregada de um pequeno papel, difficil e ingrato, mostrou todavia que o theatro da Rua-dos-Condes adquiríra mais uma artista; assim elle a queira conservar. Como hoje é occasião de fallar nas artistas, direi tambem que a Sr.a Joanna Carlota satisfez completamente no seu papel; é esse sem dúvida o genero que lhe convém. Ora, quando se conhece quaes são as disposições de um actor, quaes os characteres que são adoptados aos seus recursos, seria um êrro e uma injustiça, não se lhes distribuirem sempre os papeis identicos: assim é que se fórma um artista; nenhum d'elles póde ser bom para tudo, e perde-se muitas vezes um bom actor por estar deslocado na character do seu debutte, ou n'aquelles de que é costume encarregal-o. Valha isto apenas como reflexão.

Não heide ser injusto com a Sr.a Delfina: o seu gracioso natural é quasi sempre digno de especial menção, como n'esta peça.

O Sr. Tasso encarregado de um papel forte, deu mais uma prova da sua habilidade; mas como é para desejar que este artista faça progressos *reaes*, será conveniente recommendar-lhe que não precipite tanto o discurso, que deixe um pouco mais d'intervallo entre as palavras; alias ellas confundem-se, o espectador não as distingue, e a expressão do actor embrulha-se e obriga-o ás vezes a dizer equivocos e absurdos de muito mau effeito. O actor deve estudar o seu papel, não machinalmente para repetir como um menino recita uma loa, deve estudal-o para o intender; e quando abre a bôcca para fallar deve ter inteiro conhecimento do que vai dizer, e estar sciente de todo o alcance das suas expressões: alcançado isto, as inflexões veem naturalmente: o tom da ironia, o accento da paixão, não se carecem ensinados, quando se intende o sentimento que dicta as palavras. O que deriva pois da natureza, do ensino e da prática, é expressar *melhor* — *optimamente* — esse sentimento. Valha so tambem como simples reflexão.

ERRATAS AOS ARTIGOS 337 E 338.

Pagina 317 col. 2 lin. 27, phrenetico, lea-se: fanatico — pag. 318 col. 1 lin. 59, considerações, lea-se: condições — pag. 318 col. 2 lin. 9, mais, lea-se: mui — pag. 318 col. 2 lin. 12, do engenho, diz Boileau, lea-se: do engenho diz Boileau — pag. 318 col. 2 lin. 45, orina, lea-se: Corina — pag. 319 col. 2 lin. 4, sob o aspecto extranho, inopinado, lea-se: sob um aspecto extranho, inopinado — idem col. 2 lin.

50, questão das duas substancias, lea-se: questão da união das duas substancias — pag. 320 col. 2 lin. 28, recente, lea-se: *recendente* — pag. 321 col. 2 lin. 5, roseando, lea-se: *rouxeando* — idem, idem, lin. 15, ella, lea-se: elle — pag. 322 col. 1 lin. 21, que ondas roçam, lea-se: que nas ondas roçam — pag. 332 col. 2 lin. 26 falta o verso que por engano na recorrição se le na linha 43. Ha mais alguns erros de lettras de menos monta.

VARIEDADES.

AS MUDANÇAS.

349 As mudanças de casa que na nossa Lisboa se usam pelo natal e San'João, são tambem uma certa moda — creio que o foram sempre mais ou menos — em que influem diversas circumstancias segundo as epochas. Agora por exemplo que domina o gôsto de construir casas — que é realmente muito bom gôsto, assim Deus o fructifique e augmente — a influencia que prevalece na moda é de ir assistir para *casas novas*. Algumas estão apenas começadas ja teem alugador, e não ha nenhuma que depois de acabada tenha ficado por alugar. Não ha decerto melhor incentivo para a edificação.

Ha muita gente para quem as mudanças é a peior coisa que póde haver, mas em compensação ha outra tanta para quem isso é a coisa mais agradavel do mundo. Para os velhos a mudança é sempre incommoda, impertinente e bem escusada; para os donos de casa é sempre dispendiosa, prejudicial e aborrecida; para a mocidade é divertida, esperançosa e quasi sempre desejada; e para muita gente uma necessidade.

Algumas semanas anteriores ou posteriores á mudança mui diversas impressões agitam os personagens que figuram n'ella. N'esta rua uma donzella meiga deixa um visinho amavel cuja janella do saguão era posto querido de atalaia vigilante que, apesar da classica cortina, espreitava cobiçoso os seus gentis movimentos: e se não é donzella será cosinheira diligente que cem veses no dia tem coisas que pendurar na suja rotula, e a quem o curioso espreita as voltas, que distingue a custo atravez dos raros, e mesmo ao froixo clarão da taciturna candea.

N'outra rua uma joven formosura vai incontrar na mesma varanda, ao *seu lado*, um morador elegante que a encara fito no primeiro dia, que a espera no segundo, que lhe sorri no terceiro, que lhe mostra um bilhete no quarto, que lh'o intrega no quinto, e que do oitavo em diante passa os dias da canicula e as noites do hynverno incostado á *incommoda* divisão, que separa a varanda, em amorosos colloquios com a sua querida vizinha.

Outra terrestre deidade, que morava n'um primeiro andar onde á meia-noite (a hora fatidica dos poetas) fallava commodamente a mysterioso quebra-esquinas que lhe rondava a porta, la vai n'uma terrivel mudança para um terceiro ou quarto andar, d'onde tem que proclamar a toda a rua os seus segredos amorosos, e no fim do mez, ameaçada d'um esfalfamento fica obrigada a fugir do ar da noite, e perde com a saude a paciencia e o amante.

Tambem ás vezes, quando paredes-meias n'um terceiro andar, dois namorados se intertem á bôcca da noite em secreta conversa, é da mais insupportavel quijilia mudar-se um d'elles para o primeiro andar deixando a estrella do seu horisonte de amor vertical sôbre a cabeça, e que, para maior desgraça, impertinente sacada do segundo andar atrevida lhe eclipsa.

As mudanças são realmente um desapontamento! Um pobre moço que começára hontem a olhar para uma formusura que vira muito socegada a uma janella, passa hoje pontual á mesma hora, na esperança de ver correspondido o carinho com que a olhára na vespera, e quando, com um semisorriso nos labios graciosos alonga os olhos avidos para a esperançosa janella, incontra uma preta velha lavando as vidraças, ou figura quejanda, e vê os trastes do novo morador subindo a escada. Havia dias que as casas estariam alugadas, e o triste nem pelos *escriptos* póde saber que a incognita belleza, que talvez nunca mais torne a ver, ia mudar de casa para farejar-lhe o rasto.

Não nos lembremos porém unicamente dos negocios amorosos, ainda que estamos em idade de so d'isso tractarmos, pois por mais que façam, calo na paciencia podem produzir-nos, mas rabugices de velho é que não conseguem de nós: lá chegaremos, e talvez então sejamos menos insopportaveis do que muitos... talvez; mas em quanto esse tempo não chega deixem a *chacun son affaire*.

Os inconvenientes das mudanças são innumeraveis e de todo o genero. A loiça que se quebra, os trastes que se desconcertam, as miudezas que se perdem, não teem conto nem fim; os incommodos de desarrumar para tornar a arrumar, a fadiga, os phrenisis, os ralhos domesticos, são um nunca acabar. Ainda que o dictado diz — quem corre por gôsto não cansa, comtudo eu creio que quem se mudar, ainda que seja por seu gôsto, não póde estar muito descançado.

Ha tal que se muda por *economia*; poupa quatro moedas por exemplo, na renda das casas; mas gasta cinco ou seis na mudança, perde umas poucas no que se lhe quebrou, manda fazer esteiras novas, talvez pinturas, e o seu quarto forrado de papel, que é circumstancia obrigada, anda-lhe tudo por suas dôze moedas ou mais; e acha que fez um rasgo de economia morando em casas mais baratas... Oh! Adam Smith!

Outro não presume de *economista* mas de *homem sério*; comtudo so porque appeteceu *casas novas*, muda-se d'onde estava bem, e gasta rios de dinheiro para decorar a nova habitação porque atraz de um vem outro appetite, sem que lhe passe pela idêa que tudo aquillo é nem mais nem menos uma *extravagancia*.

As mudanças emfim serão muito boas para o marcineiro, para as fábricas de vidro, para as lojas de loiça, para o armador, para todos quantos quizerem; mas se quem se muda meditasse bem primeiro, acharia que para si é mau, e muito mau. Não sou partidista do *laisser faire*: *j'ai ma economie à moi*, por isso não heide concluir sem dar um conselho — custa barato; mais de quatro vintens ninguem dá por elle, e uma grande parte dos que o lerem nada darão: Ninguem se mude sem necessidade urgente; e ainda assim, deve primeiro calcular bem os proes e precalsos do passo que vai dar. E' conselho de rapaz mas é de amigo.

CORREIO EXTRANGEIRO.

350 Em França foram convocados para 5 do corrente, os conselhos-geraes d'agricultura, manufactura e commercio, cujas sessões devem durar até 15 de janeiro proximo. A última reunião d'estes conselhos foi em 1841: ésta é convocada a pedido do ministro d'agricultura e commercio. Estes conselhos são os que preparam os projectos-de-lei sôbre as grandes providencias agriculas, industriaes e commerciaes, que os ministros apresentam no parlamento, e são os couselheiros do ministerio nas graves questões d'estes importantes ramos do Estado. Como se preparam, como se confeccionam, como se tractam ca em Portugal estes interesses vitaes da nação? Onde estão os institutos d'esta natureza? Comprehendem porventura as notabilidades estadistas éstas necessidades-públicas? Quem lhe importa os melhoramentos d'estas? Quem os estuda?....

A última opera de Verdi — *Alzira*, foi cantada em Roma pela Boccabadatti (filha) Avilla e Ferretti. Toda a opera produziu um grande enthusiasmo, e o tenor Ferretti foi extraordinariamente applaudido.

A Rossi debutou no theatro-real d'Amsterdam na *Norma*. Diz a *France-musical* que o enthusiasmo produzido pela grande cantora é impossivel de descrever.

Uma grande parte da cidade dos Dardanellos acaba de ser destruida por um incendio.

A rainha d'Hispanha distribuiu com a sua propria mão, e em sua real-camara, os premios propostos pelo jury que julgou os productos d'industria hispanhola exhibidos na última exposição.

Os jornaes inglezes affirmam que de todas as partes do reino-unido chegam as mais tristes noticias do estado da colheita das batatas. O *Times* sente que nenhum paiz da Europa esteja habilitado para uma exportação capaz de acudir ás necessidades da Gran' Bretanha. O gabinete inglez ainda não accordou nas providencias que a este respeito se devem tomar.

Affirma-se que lord Ross acaba de fazer maravilhosas descubertas na lua auxiliado pelo seu monstruoso telescopio: a topographia até aqui adoptada para este astro, vai ser inteiramente destruida, e ficará considerada uma observação de Helvetio, que até hoje se tinha julgado como delirio. Este celebre astronomo do XVII seculo accreditou ter visto no centro d'esse globo no sentido do seu meridiano, uma larga fenda e profunda atravez da qual se via o sol. Segundo lord Ross este facto é exacto.

CORREIO NACIONAL.

351 Le-se no 'P. dos Pobres no Porto:'

Opportunidade. — Sabbado ás 10 da noite, estando a cantar-se no Theatro o 3.° acto dos *Puritanos*, viu-se em um dos corredores da 3.ª ordem um homem de pé e outro de joelhos a seus pés. Averiguado o caso, era um assignante a quem o seu alfaiate tomava medida d'umas pantalonas.

Existe na Academia das Bellas-Artes um quadro de Pedro Alexandrino (um artista insigne portuguez, e que no pintar meninos excedeu a todos); representa o quadro o baptismo de Christo, e tinha no 1.° plano pintado um menino que éra um primor d'arte. N'um d'estes dias appareceu cortado o bocado de panno do quadro em que este menino estava pintado. Os professores da Academia estão com razão pesarosos, e fazem-se as maiores diligencias para descobrir o perpetrador d'este desacatoartistico.

Por decreto de 24 do corrente se estabelece definitivamente a eschola normal-primaria do districto de Lisboa, no edificio da Casa-pia, em Belem, com o regulamento respectivo.

Caixas-economicas da Companhia Confiança-Nacional. — O juro em Lisboa, durante o anno de 1846, será de cinco por cento, e no Porto, durante o mesmo anno, de quatro e meio por cento. — Os directores: *M. G. da C. San' Romão. — Carlos Morato Roma.*

No mez de novembro último entraram 27 autos civeis e crimes no Supremo Tribunal de Justiça, foram julgados 75, ficaram pendentes 817.

Do 1.° de dezembro de 1844 ao ùltimo d'outubro de 1845, deram entrada no Supremo Tribunal de Justiça 498 autos civeis e crimes, foram julgados 542, e ficaram pendentes para novembro 790.

O Sr. D. José Joaquim de Moura, Bispo-eleito de Vizeu, acaba de recommendar aos parochos da sua diocese, o cumprimento das suas mais sagradas obrigações pastoraes e religiosos deveres, que talvez se achavam um pouco relaxados. O exemplo do nobre prelado era bom de seguir-se para inteiro vigor das disciplinas ecclesiasticas.

Ensaia-se no theatro da Rua-dos-Condes um drama original do Sr. Corvo, Maria Telles. Deve representar-se pelo meiado de janeiro.

Parece que se vai estabelecer no edificio da Luz, onde esteve o collegio militar, um hospital de alienados pelo methodo indicado pela commissão de peritos creada por decreto de 7 de junho de 1844.

Recebemos jornaes das ilhas dos Açores e Madeira. Não dão novidade. Tinha desembarcado na Madeira, de regresso da Inglateara, o celebre propagandista protestante *Kalley*. Na ilha de San'Miguel continuava a obra da doca-do-areal, ja muito adiantada e servindo d'asylo a embarcações de pequeno lote: gaba-se muito a sua solidez. A exportação da laranja começava, e tinha-se aberto o preço de 2$000 rs. por caixa. O anno passado exportou ésta fertil ilha 120,000 caixas; muito mais que todo o continente do Portugal.

As noticias d'Africa são desastrosas para o commercio d'escravos. A corveta portugueza 'Relampago' tinha perseguido varios navios, e o cruzeiro era activissimo. O govêrno promoveu ao posto immediato o commandante da 'Relampago.'